



Universidade de São Paulo

Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Museu de Arte Contemporânea - MAC

Livros e Capítulos de Livros - MAC

2015

As palavras e as coisas: sobre arte e fotografia nos anos 60/70

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/49033>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo

**As palavras e as coisas:
sobre arte e fotografia nos anos 1960/1970**

Durante muitos anos a crítica negou o papel determinante que a fotografia desempenhou na arte conceitual, no que foi muito bem sucedida. O que Juliana Gisi propõe neste livro é, antes de tudo, a superação dessa falsa premissa. Ela nos convida a visitar discursos e obras dos artistas das décadas de 1960 e 1970 para tirar da invisibilidade as preocupações que tinham acerca da relação entre arte e fotografia. Ganhamos com isso a possibilidade de redescobrirmos textos já clássicos, que parecem ganhar nova vida ao serem lidos por esse viés ou, então, a chance de encontrarmos outros, pouco conhecidos, mas não menos elucidativos diante de nossas atuais indagações.

É oportuno lembrar que os textos selecionados por Juliana para seu estudo não se encontravam previamente reunidos aguardando alguém que, um dia, viesse a se interessar em analisá-los. A tarefa primeira da autora foi, por assim dizer, criar o seu objeto de estudo. Uma vez escolhida a fotografia como alvo, lançou-se a um exaustivo garimpo entre milhares de

páginas dispersas em antologias sobre a arte dos anos 1960 e 1970. O resultado não poderia ter sido mais recompensador. Emergiu dali um surpreendente conjunto de fragmentos oriundos de textos críticos, comentários, declarações, entrevistas e toda sorte de discursos proferidos por artistas, em que a fotografia é o foco. Somos remetidos aos debates do efervescente circuito norte-americano de arte daquelas duas décadas com o qual muitos artistas brasileiros estiveram em contato. Arnulf Rainer, Douglas Huebler, Vito Acconci, Sol LeWitt, Edward Ruscha, John Baldessari, Lawrence Weiner, Dan Graham e Robert Smithson são apenas alguns dos nomes que o leitor irá encontrar.

Nesse ponto é preciso que se diga que a contribuição de Juliana Gisi vai muito além do levantamento dos discursos dos artistas. Ciente de que a passagem do tempo agrega novas camadas de significados a enunciados pretéritos, ela não pleiteia a possibilidade de uma leitura purista dos textos ou de um resgate do que supostamente constituiriam os seus sentidos originais. De certa forma o seu trabalho se assemelha ao de um arqueólogo quando ela busca dar inteligibilidade aos discursos, sem nunca deixar de considerar os inúmeros outros que sobre eles foram se sedimentando ao longo dos anos. É um trabalho de fôlego que exige um leitor atento e disposto a se deixar envolver por uma discussão aprofundada de ideias e conceitos, em meio a uma complexa rede de relações que ainda reverberam vivamente no nosso entendimento da arte e das práticas artísticas contemporâneas.

Na construção de seu arcabouço teórico, Juliana parte do princípio de que a fotografia ganhou existência na arte conceitual a partir do discurso e que a imagem fotográfica teria sido adotada por eles devido ao potencial questionador que introduzia nas

acirradas disputas pelas definições de arte naqueles anos. Foi quando os artistas passaram a reivindicar para si o direito à crítica e à interpretação da própria obra, que não mais se esgotava, diziam eles, no simples ato de contemplação. Gisi nos mostra que naquele contexto os artistas conceituais não hesitaram em negar a importância da imagem fotográfica em seus trabalhos, e sabemos que em alguns casos extremos negaram até mesmo o uso que dela faziam, contrariando a mais elementar evidência empírica. Tal provocação iria atingir em cheio a fotografia artística herdeira da tradição modernista, assim como a chamada fotografia de autor, no momento em que ambas se encontravam em pleno processo de entronização no mercado.

Adentrar na arte conceitual e confrontá-la com a teoria e a história da fotografia talvez seja a única via capaz de transpor o abismo teórico, que ainda persiste entre a fotografia moderna e a produção fotográfica atual. Moviada por uma acuidade analítica peculiar, somente possível àqueles que transitam entre o fazer artístico e a reflexão teórica, Juliana Gisi nos oferece uma estratégia original para enfrentarmos esse desafio. Ela assume a história da arte contemporânea como um campo em constante transformação e a crítica como uma operação sempre provisória, cuja missão é, sobretudo, religar os vínculos perdidos entre as palavras e as coisas.